



OS NACIONALISMOS DO SÉCULO XIX: O CASO DO SCHLESWIG-HOLSTEIN

Carlos Augusto Trojaner de Sá¹

Resumo

Neste trabalho o objetivo principal é de evidenciar o nacionalismo alemão, através de Fichte com o nacionalismo dinamarquês, através de Orla Lehmann no século XIX e seus desdobramentos na anexação do *Schleswig-Holstein* pela Prússia no ano de 1866 e o papel que tais movimentos tiveram neste processo histórico. Para entender esse contexto, devemos ter em mente a questão linguística e a histórica dessa região, como também as relações da Prússia com a Europa. A situação da Península da Jutlândia, e mais propriamente dos ducados de *Schleswig* e *Holstein* começaram a preocupar a Europa no século XIX, principalmente as potências estrangeiras, como a Grã-Bretanha, França e Rússia, que não aceitariam uma Dinamarca enfraquecida em favor da Confederação Germânica, nem a Prússia adquirirem o ducado de *Holstein* com o importante porto naval de *Kiel* e com isso controlar todas as rotas de comércio através do mar Báltico. Essa tensão surge devido as grandes aspirações de Bismarck, ou seja, de sua política expansionista de cunho militar e econômico com bases no nacionalismo alemão do século XIX.

Palavras Chaves: Nacionalismo, Dinamarca, Prússia.

Para se entender toda a formação do estado alemão durante o século XIX e seus desdobramentos no contexto europeu, precisamos analisar as diferentes esferas de um projeto maior que em 1871 recebeu o nome de Império Alemão. A análise que cabe resaltar aqui é como a Prússia dentro de uma política do equilíbrio de poder europeu, conseguiu romper com essa medida e anexar o *Schleswig* e *Holstein* em 1866 após a guerra austro-prussiana². Neste trabalho cabe ressaltar duas análises que estão dentro desse contexto, o nacionalismo alemão e o dinamarquês do século XIX.

O nacionalismo alemão do século XIX é abordado das mais diferentes maneiras na historiografia mundial. Minha forma de análise para explicar o caso particular do nacionalismo alemão, esteve baseada em analisar os fundamentos principais dos intelectuais que se consideram como fundadores desde nacionalismo, além de relacioná-lo com o Romantismo Alemão. Além disso, outras obras são de fundamental importância para se entender o nacionalismo alemão, e sem o conhecimento delas, corremos o risco de ficar com uma visão limitada de todo um conjunto historiográfico, as obras de Thomas Nipperdey

¹ Carlos Trojaner é historiador pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), especialista em História Contemporânea pela mesma instituição e em História do Rio Grande do Sul pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Email: carlosaugusto@t-online.de

² A guerra austro-prussiana ou *Deutsche Krieg* decorreu entre junho e agosto de 1866, marcando profundamente a penúltima etapa do caminho para a unidade alemã antes da proclamação do Império.

e Wolfgang Mommsen são de caráter obrigatório para se entender não só o nacionalismo alemão do século XIX, mas tudo o que está em torno dessa temática.

O surgimento da consciência nacional na futura Alemanha foi particularmente rápido e recente, não se podendo falar dessa consciência antes de 1806. Foi em 1815 que atingiu a sua maturidade, principalmente após as guerras napoleônicas conforme Kitchen (2006, p. 57). Seus “arquitetos” foram os intelectuais profissionais e não a aristocracia ou a elite dirigente como em outras nações europeias. Desde muito cedo, sabe-se que, na Alemanha, os intelectuais da classe média constituíam um grupo social à parte da sociedade, os quais foram resultado da educação ministrada nas universidades alemãs.

Segundo a linha de pensamento de alguns historiadores alemães, os princípios da identidade cultural alemã surgiram na Idade Média e com ligação ao Sacro Império Romano, porque aqui se tentou estabelecer um império com povos de culturas semelhantes, assim como afirma Elias (1997, p. 18):

O império alemão medieval e, em particular, alguns dos mais notáveis imperadores medievais serviram por muito tempo como símbolos de uma Grande Alemanha que se perdera - e, por isso mesmo, também como símbolos de uma secreta aspiração à supremacia na Europa. Entretanto, foi a fase medieval do processo de formação do Estado alemão, em particular, que contribuiu significativamente para o fato de que na Alemanha esse processo não acompanhou o ritmo dos processos de formação do Estado em outras sociedades europeias.

A partir do século XVIII fizeram-se tentativas com o objetivo de definir as fronteiras da atual Alemanha, desde o rio Elba ao rio Reno e até a Hungria. Estas tentativas foram, no entanto, apenas geográficas, porque a ideia de estado-nação era ainda desconhecida, não existindo neste período uma consciência intelectual e política do que era ser alemão. A palavra nação já fora, anteriormente, empregue na maioria das línguas européias ocidentais, nomeadamente no século XIV, quando *natio* apontava para a origem comum de um grupo de indivíduos e para uma comunidade étnica ou habitante da mesma região.³ No entanto, *natio* não envolvia um tipo de forma organizacional política, começando apenas mais tarde a ter conotações de ordem política. Segundo Baycroft (2006, p. 63-66), somente nos finais do século XVIII, se levanta a questão do que é ser pertencente ou não a uma determinada nacionalidade. Neste contexto, nação é constituída por uma comunidade de indivíduos, isto é, um povo que partilha a mesma língua, costumes e lendas, um passado e territórios comuns.

Cabe ressaltar que a identidade germânica não se manifestou de forma acentuada até a ocupação napoleônica e haveria de marcar a ideia de nacionalidade alemã, enfatizando a vertente regional desta. Paralelamente a aquisição territorial, se demonstra uma vontade

³ Hobsbawm, crítico do nacionalismo (principalmente do nacionalismo exacerbado) contesta esta definição, pois argumenta que, no início do nacionalismo (finais do século XVIII), a nação não tinha a ver “com etnicidade, língua comum, religião, território e lembranças históricas comuns” HOBBSAWNM, Eric J. *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, p.33.

unificadora alemã, apoiada pelo uso da mesma língua. Estas tendências, com origem numa classe que estava a crescer socialmente, a classe esclarecida, conhecida por *Bildungsbürgertum*, estavam de acordo com o que se passava na Europa (WEHLER, 2001, p. 62-63). Segundo Fradera e Millán (2000, p.138-140), os *Bildungsbürger* procuravam identificar-se com a aristocracia, que não se misturava com eles e desprezavam a burguesia, à qual se encontravam ligados de um modo inseparável. As oportunidades surgidas aos *Bildungsbürger* no funcionalismo público alemão começaram, no entanto, a diminuir a partir de fins do século XVIII, face à crescente concorrência por parte da nobreza. Este fato explica, como no ano de 1770, Goethe e Herder, na cidade de Estrasburgo, passam da orientação da *Aufklärung* para o germanismo que caracteriza todo o movimento *Sturm und Drang*. Desta forma, podemos destacar que a filosofia das luzes na Alemanha não desenvolveu no campo da ideologia política a mesma força provocada na França. A partir de 1770 já defrontava uma reação anti-intelectual e anti-cosmopolita, chamada de *Sturm und Drang*.

O *Sturm und Drang* foi essencialmente um movimento de protesto e também um movimento da juventude. Era contra basicamente três aspectos: os governantes absolutistas nos estados alemães e o mundo da corte da nobreza, a moral burguesa, e a velha tradição da arte e literatura. Trata-se de um movimento precursor do Romantismo, que na Alemanha se manifestou de forma mais moderada. A inspiração veio de Rousseau, com o regresso ao natural e a revolta contra as convenções. Os *Stürmer* proclamavam a liberdade absoluta, no amor e na política, neste caso com um forte pendor nacionalista.

O movimento *Aufklärung* não deixou, contudo, de ter implicações políticas, por ser nitidamente política e por ter influenciado as ideias e o pensamento de autores como Kant, Herder, Fichte e Hegel. Na *Aufklärung*, Kant buscou o postulado de um real progresso homogêneo da humanidade visando à liberdade e a moralidade, numa só palavra a paz para sempre. Ele ainda é contra a não originalidade da literatura e dos costumes alemães, imitando os estrangeiros que Herder combate por uma originalidade germânica. Posteriormente, este pensador foi um dos principais teóricos do *Sturm und Drang* (NÓBREGA, 1961, p. 328-332).

Seguindo essa linha de pensamento, aparece no início do século XIX, Johann Gottlieb Fichte. Para ele, a filosofia é uma filosofia do universal, mas é com a nação alemã e exclusivamente com ela que ele assegura o triunfo do universal, sendo uma das origens do pan-germanismo. Com o movimento do *Aufklärung*, a exigência da liberdade de pensamento exigia a liberdade política e a oposição ao Despotismo Esclarecido⁴, uma vez que o sistema Absolutista era a característica geral dos estados alemães.

⁴ Os ideais iluministas surgidos durante o século XVIII conceberam um conjunto de transformações que não se limitou ao universo letrado e burguês. Sem abandonar a base do regime monárquico, os reis europeus desse período enxergavam a

A Europa central, no caso, os reinos alemães do século XVIII assim como toda a Europa, ficou na época da filosofia das luzes: a *Aufklärung*, cujo centro difusor era a Universidade de Halle e posteriormente a Universidade de Göttingen. Aquele movimento, derivado das concepções de *Leibnitz*, foi designado por um discípulo daquele, cujo nome é Christian von Wolff. No entanto, a *Aufklärung* apenas entrou e penetrou num restrito núcleo da intelectualidade alemã, coexistindo com o movimento do Pietismo⁵. Embora se tratando de um movimento de ideias políticas, ele foi essencialmente uma pedagogia da razão crítica nas categorias éticas, tendo em vista os problemas morais e religiosos da sociedade (NIPPERDEY, 1994, p. 403-404). Com a vitória das forças do Antigo Regime, devido ao esmagamento das sublevações populares, por parte do exército, o Rei da Prússia tentou agrupar em torno de si mesmo uma federação dos Estados do Norte, mas a Áustria, com o apoio da Rússia, intima *Berlin* com um ultimato, perante o qual a Prússia se vê na obrigação de recuar. A ideia de uma Alemanha liberal e parlamentar unida pela vontade de uma nação alemã ajudaram com a queda do Parlamento de Frankfurt. Ao mesmo tempo, se dá o início das rivalidades entre a Áustria dos Habsburgos e a Prússia que dominava o problema da unidade alemã.

Além de Helder e Fichet, existiu o romantismo como movimento que impulsionou a valorização das particularidades germânicas. Que se caracteriza por uma resposta aos receios e frustrações dos *Bildungsbürger*, provocados pela *Aufklärung*. O valor potencial do *Aufklärung* era a razão e era o racionalismo, tudo aquilo contra o que os românticos se revoltaram. A acusação destes à sociedade do Iluminismo era a generalização da sua experiência pessoal nela registrada, de modo que a promessa não cumprida do *Aufklärung* para com os intelectuais sem sucesso levou-os a pensar que a razão separava o homem da comunidade (GREENFELD, 1998, p.234-236).

O romantismo exprime-se não só em poesia e em literatura, mas em música, em pintura, em arquitetura; atuou nos costumes, no traje e no cenário da vida. Traduz-se em doutrinas políticas bem determinadas. É, pois de uma realidade muito complexa que temos de tratar. E esta complicação agrava-se com o ser a Alemanha um país particularista no qual as regiões, os pequenos Estados, as classes sociais são tomados em limites estreitos e oferecem caracteres diversos.

As escolas românticas que surgem são diversas também. A primeira, a de *Lena*, a dos dois *Schlegel*, de *Fichte*, de *Schelling* e de *Novalis*, é revolucionária no princípio; o seu

necessidade do domínio de alguns saberes considerados úteis na tomada de decisões político-administrativas. O monarca deveria dominar os princípios iluministas ou, no mínimo, estar assessorados por ministros que conhecessem as mais importantes obras do pensamento filosófico e econômico iluminista. Dessa forma, a razão ganhava espaço no cenário político europeu.

⁵ O pietismo alemão denota um movimento surgido na Igreja Luterana na segunda metade do século XVII, que teve como uma de suas características mais evidentes a reação contra um cristianismo que sob muitos aspectos se tornara vazio, tendo uma prática dissociada da genuína doutrina bíblica. O alvo do pietismo era o retorno à teologia viva dos apóstolos e da reforma, com forte ênfase na pregação do Evangelho, acompanhada de um testemunho cristão condizente.

pensamento é, sobretudo, filosófico e crítico. A segunda, a escola chamada de Heidelberg, agrupa escritores renanos silesianos e prussianos; é mais rica de poesia, mais pobre de pensamento; é ela, entre outras escolas, que insiste na grandeza e na beleza do passado alemão, da paisagem alemã, do Reno alemão.

Na nação alemã, a língua era um elemento central para o seu pensamento, no século XVIII, não tanto pela discussão acerca da pureza da língua, mas sobre a diversidade das línguas e a origem da linguagem. O debate corria em torno da origem divina ou humana daquela (TOUCHARD, 1991, p.137).

Na perspectiva de Herder, salienta-se que, sendo a linguagem uma faculdade humana, uma capacidade anterior e interior à própria espécie humana, então a diversidade das línguas não seria explicada por fatores externos acima referenciados, mas apenas por fatores de ordem interna. Em termos amplos, Herder destacava que as línguas se haviam progressivamente alterado e afastado de uma origem comum, por vontade do próprio homem de uma determinada comunidade e que o caráter interior da língua estava em estreita relação com a cultura; ao mesmo tempo em que salientava a dicotomia, o homem criava a língua e esta criava o homem, destacando a complexa relação entre o indivíduo, o social, a língua e a cultura, que constituiu a base filosófica do pensamento de Herder, frequentador da Faculdade de Teologia da Universidade de Königsberg, grande centro cultural na época (BAYCROFT, 2006, p. 44-45).

Como podemos observar, a reflexão sobre a linguagem que decorria na Alemanha dos finais do século XVIII e princípios do século XIX não era uma questão somente acadêmica, mas sim uma reflexão política e nacionalista, sendo de destacar como um caso muito prático a posição assumida por Von Humboldt na Prússia.

Quando as forças invasoras napoleônicas abandonam o território alemão em 1813, vêm de novo ao cimo os argumentos políticos relacionados com a comunidade de costumes, língua e literatura, que apontavam para a natural unidade política de um povo, partilhada por um povo com a mesma língua e cultura, revendo-se num passado histórico comum, de acordo com Wehler (2001, p. 65-66). Como exemplo, destacamos de novo a figura de Von Humboldt que faz da história da Alemanha uma história familiar, dando uma maior ligação à imagem de um todo social, unido indiscutivelmente por laços familiares. De acordo com o mesmo pensador prussiano, a unidade alemã teria de ser marcada pelo estado, mas assente fundamentalmente na língua, na cultura, nos costumes, nos mitos, numa palavra, na memória coletiva e histórica de um povo, compartilhada ao longo dos tempos.

Na obra *Reden an die deutsche Nation* de Fichte, publicada no ano de 1808, conhecida como a base do nacionalismo alemão, o autor busca articular um sentimento nacional, uma expressão ideológica, uma vez que este pensador propõe a possibilidade de

uma nova época para a unidade alemã, através dos melhores caminhos visando à construção desse futuro, como, por exemplo, através da educação nacional.

Fichte também destacava que as várias diferenças existentes entre os alemães e os outros povos de língua germânica assentavam na tribo ou na etnia⁶ a que pertenciam, na língua que falavam no território onde se instalaram na memória coletiva⁷ e na histórica comum, destacando que os alemães haviam permanecido nas terras inicialmente povoadas pela tribo original e preservando a mesma língua, em oposição a outros povos que se desviaram das suas origens germânicas. Fichte, além disso, procurava destacar que do desvio resultaria as consequências políticas, sublinhando por outras ideias e palavras; que o desvio linguístico havia sido o causador da diferença real existente nos sistemas políticos e entendendo que a mudança territorial por si só não modificava um povo que continuasse a utilizar a língua original.

É de notar que as ideias propaladas por Fichte vão ao encontro das propostas de Herder, no referente à tênue influência de fatores externos na formação da língua. Mas ainda vai mais longe quando abordava que a língua alemã era a única língua natural sobrevivente, sublinhando que a língua alemã era a língua original, a única língua europeia que estabelecia uma relação direta com o real, o que procurava realçar que os conceitos de liberdade, de humanidade e outros só eram válidos e verdadeiros quando pronunciados na língua alemã.

Com essas questões podemos concluir que os pensadores alemães do século XVIII, se basearam na comunidade étnica, de língua, da cultura e de história, mostrando em termos jurídico-filosóficos a aquisição de consanguinidade na formação da nacionalidade alemã, sendo por isso o resultado de uma construção ideológica. Contudo, merece ser destacado que o nacionalismo alemão fez tudo para a elevação simbólica das massas, pois venerou o povo (*Volk*), e modificou de modo profundo e consistente a natureza da hierarquia dos estatutos na sociedade alemã. Porém mesmo com esses movimentos, a unidade por completa alemã, só foi possível após a unificação econômica, isto é através do *Zollverein*⁸.

Com todo esse discurso envolvente dos nacionalistas, o *Schleswig-Holstein*, devido a sua posição geográfica foi sendo alvo das aspirações da Prússia, pois controlar os ducados com suas cidades hanseáticas, *Kiel* e *Lübeck* resultaria em um total controle das rotas de comércio no mar Báltico.

⁶ Entende-se por etnia um grupo social cuja identidade se define pela comunidade de língua, cultura, tradições, monumentos históricos e território, segundo Norberto Bobbio. *Dicionário de política*. 5 ed. Brasília: UnB, 2000, p. 449.

⁷ Entende-se por memória coletiva como um conjunto de representações sociais acerca do passado que cada grupo produz, institucionaliza, guarda e transmite através da interação de seus membros, segundo Paolo Jedlowski. "La sociologia y La memoria colectiva". In: RIVERO, Alberto Rosap ; BELLELLI, Guglielmo ; BAKHURST, David (Eds.) *Memoria colectiva e identidad nacional*. Madrid: Biblioteca Nueva, 2000, p. 131-132.

⁸ Também devemos ter em mente que as guerras contra a Dinamarca, contra a Áustria e contra a França, etapas sucessivas delineadas pela estratégia de Bismarck, destinadas a motivar os alemães a se unirem contra inimigos externos, incendiavam o patriotismo nacional.

São duas as questões que envolvem o conflito entre Prússia e Dinamarca no que se refere aos ducados de *Schleswig-Holstein*, a questão da língua e já citado anteriormente, o fator comercial. A questão linguística dos ducados é um tema pouco trabalhado nas obras que abordam a Unificação Alemã, em nível de historiografia brasileira, com isso muitas vezes o discurso apresentado por essas obras é que *Schleswig-Holstein* seria de ampla população e língua alemã, podemos com isso dizer que esse discurso não difere muitos dos nacionalistas prussianos do século XIX.

Mas quando saímos de uma bibliografia nacional e nos deparamos com a inglesa, norte-americana e principalmente a alemã, vemos que essa questão linguística se torna muito complexa. Podemos observar de acordo com a tabela apresentada por Carr (1963, p. 321):

Estatísticas das línguas no <i>Schleswig-Holstein</i>⁹			
Autor fonte	Koch	Jensen	Wimpfen
Alemão falado	119,935	128,000	142,000
Dinamarquês falado	144,235	145,100	173,000
Frisio falado	26,815	25,600	23,000
População total	338,192	330,000	338,000

Meu trabalho não tem a intenção de dizer qual língua era a mais falada ou a mais importante, minha análise através de diversas fontes propõe chegar à conclusão que ambas as línguas eram faladas simultaneamente e que não existia predominância de nenhuma.

A língua de uma população através da articulação no campo político, muitas vezes foi à base para o surgimento de uma nação, como no caso da Noruega, conforme Oliveira (2004, p. 91):

No início do século XIX, a Noruega, até então província da Dinamarca, conquista sua independência. Logo em seguida, em consequência de uma luta bem-sucedida no campo da política linguística, os noruegueses passam a escrever numa variedade linguística livre da antiga língua padrão, baseada no dinamarquês de Copenhague. Apesar da existência de um alto grau de semelhança estrutural entre essa nova língua padrão e o dinamarquês e de um razoável grau de inteligibilidade mútua entre os dois códigos, o novo padrão linguístico passou a ser considerada uma nova língua, o que só foi possível graças ao fato de a Noruega ter-se tornado uma nação independente. Com o tempo surgiram outras propostas de norueguês padrão e a situação se complicou. Esses “padrões” acabaram-se especializando quanto à função. Atualmente é a situação comunicativa que determina a escolha entre eles. A Noruega não é o único exemplo de inter-relação entre padrão linguístico e nacionalidade.

⁹ A tabela apresenta ainda dados da linguagem nas Igrejas, sempre com predominância do *Hochdeutscher*, porém aqui não cabe discutir a linguagem oficial da Igreja e sim a da população. Além disso, de acordo com algumas referências de obras do século XIX, como *The Annual register of world events a review of the year*, Volume 105 (1863), a linguagem da Igreja, ou de seus serviços para a população era de escolha do requerente. A tabela em sua versão completa se encontra disponível na obra de Willian Carr, *Schleswig-Holstein 1815 – 1848: A Study in National Conflict*. England: University of Manchester, 1963, p.321.

Porém no caso do *Schleswig-Holstein*, sendo uma região de fronteira e com isso uma constante troca cultural, foi resultando em uma região com grande pluralidade cultural desde o auge das cidades Hanseáticas. A região da *Nordfriesland*, aonde se encontra a maior parte da população de origem frísia, muitas vezes ficou a margem do discurso, porém sua cultura e língua são padrões culturais bem distintos e geralmente não estão relacionados com o tema da península da Jutlândia. Muitas são as obras que abortam a questão frísia, como não é nosso objetivo aqui discutir elas, recomendo a obra de MUNSKE, Horst; ÅRHAMMAR, Nils. *Handbuch des Friesischen*. Walter de Gruyter, 2001.

Outro ponto aonde podemos entender o processo formador de uma cultura na região da Jutlândia é a educação ou os serviços prestados pela Igreja. Um ponto aonde os defensores da língua alemã como língua predominante é que os serviços das Igrejas eram realizados em língua alemã, porém de acordo com a obra já citada *The Annual register of world events a review of the year*, Volume 105 de 1863, a língua era escolhida pelo requerente, ou seja, a língua alemã como a dinamarquesa nunca foi colocada acima de uma ou outra, sendo assim, não podemos afirmar tal teoria, como sendo uma fronteira, ambas as línguas eram faladas.

O nacionalismo dinamarquês do século XIX consiste em duas etapas de análises, uma seria a da figura de Peter Martin Orla Lehmann e a outra no principal grupo de caráter nacionalista, os “*Dänemark bis zur Eider*”.

Orla Lehmann foi um dos principais nacionalistas dinamarqueses do século XIX, sendo seu pai de *Hostein* e sua mãe de Copenhague, deve uma educação na Dinamarca e a escolheu como pátria. Sendo de cunho liberal, ajudou a implantar na Dinamarca uma Monarquia constitucional e também defendia que *Schleswig* e *Holstein* deveriam pertencer à Dinamarca quando a crise dos ducados se agravou.

O principal grupo nacionalista era os “*Dänemark bis zur Eider*”¹⁰, que apoiavam o domínio dinamarquês em todas as terras ao norte do rio *Eider*. A escolha do rio *Eider* consiste em um fator histórico que remonta a Idade Média.

Para se compreender todo esse processo, devemos analisar o conceito do termo dinamarquês primeiramente. Esse conceito remonta do período de Carlos Magno, quando este iniciou ataques ao território da saxônia no ano de 772, com o objetivo de conquistá-la e converter os Saxões à fé Cristã. Após essa conquista, ordenou a anexação da Jutlândia, região onde moravam os Danos¹¹.

A Dinamarca adquiriu preeminência no antigo período viking, quando os governantes dinamarqueses resistiram efetivamente a Carlos Magno e seus sucessores, iniciando a construção de um grande aterro que servia de muralha, o *Danevirke*, cuja finalidade

¹⁰ Tradução: “Dinamarca até o Eider”

¹¹ Existe também uma referência sobre os Daneses no Livro do historiador Jordanes, intitulado de *origine actibusque Getarum*, tradução “A origem e as façanhas dos Godos”, escrito por volta do ano 571.

primordial era proteger o porto de *Hedeby* em *Schleswig* conforme BRØNDSTED (2004, p.146-148).

Um exemplo dessa resistência foi durante e após a campanha de Carlos Magno na Saxônia. Nessa época, os Danos da península da Jutlândia estavam unificados sobre a monarquia de Godofredo, um dos muitos reis lendários da história dinamarquesa¹². O Reino de Godofredo estava se expandindo para o sul, mas nunca chegou a um conflito direto com Carlos Magno que estava na campanha contra os saxões. Carlos Magno realizou alguns ataques contra Godofredo, mas os daneses resistiram aos ataques por estarem passando por um período temporário de centralização Monárquica. Godofredo tinha planos audaciosos para conquistar uma parcela da Europa, em 808 destruiu a cidade comercial de Reric¹³ (LOPEZ, 1976, p.127), e persuadiu seus comerciantes a se mudarem para uma nova cidade chamada *Hedeby*, que ele tinha construído na Dinamarca, além de ter subjugados povos, como os Abodriani. Com sua morte prematura no ano de 810, causada pelas brigas internas pelo trono dinamarquês, ele foi assassinado por um de seus súditos. Carlos Magno com isso conseguiu acabar com as hostilidades na região e criou a comarca dos danos que foi batizada de Marca dos Danos, depois Marca Dana, depois Dana Marca e por fim, Dinamarca.

Toda essa carga cultural fez os nacionalistas dinamarqueses escolherem o rio *Eider* que ficava antes do *Danevirke* como ponto chave na sua defesa, indicando assim que a Dinamarca sempre ocupou aquele território, e também usando a fronteira natural do rio para esse propósito.

Estas eram as bases ideológicas de ambos os lados, os prussianos apoiados por Fichte e os dinamarqueses por Orla Lehmann, podemos dizer que até a metade do século XIX essa batalha ficou somente no campo das ideias, porém no ano de 1848, aconteceu a *Schleswig-Holsteinischer Krieg*¹⁴ que durou até 1851, onde com a intervenção da Inglaterra, o Reino da Dinamarca ainda ficou com a administração de *Schleswig*, saindo assim a Prússia derrotada.

Em 1857, Christian IX é coroado rei da Dinamarca, e declara que de acordo com a resolução de 1481, *Holstein* deve ser reincorporado, mesmo que a força, ao seu ducado irmão. Isso motiva uma intervenção armada por parte da Prússia e Áustria. Cristiano IX, pressionado pelos nacionalistas dinamarqueses, aprovou a unificação do ducado de *Schleswig* ao reino da Dinamarca (KOLLULA, 2008, p.491). Devemos lembrar que o *Vertrag von Ripen* havia proclamado que *Schleswig* e *Holstein* eram indivisíveis politicamente, mas

¹² Devido a existências de diversos poemas de sagas épicas envolvendo suposto reis dinamarqueses desde o século V, ainda existe uma discussão sobre quem teria sido o primeiro rei dinamarquês, as fontes mais seguras ou mais aceitas academicamente para este fato se encontram nas pedras rúnicas de *Jelling*, aonde aparece *Gorm* o velho (900 d.C – 940 d.C), como primeiro rei dinamarquês.

¹³ No ano de 1178 se tornaria *Lübeck*, tendo uma localização ideal para funcionar como ligação entre as duas metades do Mediterrâneo.

¹⁴ Tradução: Guerra de *Schleswig-Holstein*.

a anexação ao Reino dinamarquês em 1863 por Cristiano IX através da *Novemberverfassung*¹⁵ separou *Schleswig* politicamente de *Holstein*, que era um território independente. Isto se tornou um ótimo pretexto para as aspirações nacionalistas alemães, Otto Von Bismarck aproveitou-se então para dar novo impulso ao movimento nacionalista alemão.

Em janeiro de 1864, enquanto a Dieta¹⁶ decidia enviar um contingente militar aos ducados, as tropas prussianas, juntamente com as austríacas, entraram no ducado de *Schleswig*, dando início a chamada *Zweiter Schleswigscher Krieg*¹⁷. A rápida derrota dinamarquesa, em agosto de 1864, seguiu-se para a elaboração de um tratado de paz provisório assinado em Viena no dia 30 de outubro pelo qual a Dinamarca renunciava todos os direitos sobre os ducados de *Schleswig*, *Holstein* e *Lauenburg*, em favor do imperador da Áustria e do rei da Prússia. Os próprios termos desse acordo, entretanto, tornavam inevitável o reinício da disputa austro-prussiana pela hegemonia na Confederação Alemã, sobretudo quando ficou evidente que Bismarck queria chegar a uma solução inteiramente prussiana, sem o império Austríaco para a solução dos problemas dos ducados (PELLISTRANDI, 2000, p. 106-107).

Na guerra Austroprussiana, o fator decisivo para seu desfecho ocorreu em 16 de junho de 1866, aonde o exército prussiano obteve sucessivas vitórias, então em 3 de julho do mesmo ano, derrotou definitivamente as forças austríacas na batalha de *Sadowa*, e com isso conseguindo o total controle sobre os ducados de *Schleswig* e *Holstein* durante o século XIX.

Cabe a nós analisar e refletir sobre qual lado teria mais direito sobre os ducados, como observamos em minha análise, a muitos fatores que envolvem a disputa desses territórios e não podemos afirmar com isso, o pleno direito da Prússia ou da Dinamarca nos ducados de *Schleswig-Holstein*.

Referências

- BAYCROFT, Timothy ; HEWITSON, Mark. *What is a Nation 1789-1914*. New York: Oxford University Press, 2006.
- BRØNDSTED, Johannes. *Os Vikings: História de uma fascinante civilização*. São Paulo: Editora Hemus, 2004.
- BURKE, Edmund. *The Annual register of world events a review of the year 1863*. Volume 105, 1863.

¹⁵ Tradução: Constituição de Novembro.

¹⁶ Uma união pouco coesa de Estados alemães soberanos e cidades livres foi criada em 1815 no Congresso de Viena. Inicialmente, a Liga contava com 41 e no final com 33 membros. O objetivo da confederação era preservar a segurança interna e externa de todos os seus países membros. A Liga possuía um único órgão: a Dieta Federal, sediada em *Frankfurt am Main*. As disputas entre a Áustria e a Prússia, que se acirram a partir da metade do século XIX, levaram ao fim da Liga Alemã, dissolvida em 1866.

¹⁷ Tradução: Segunda Guerra de *Schleswig-Holstein*.

- CARR, Willian. *Schleswig-Holstein 1815 – 1848: A Study in National Conflict*. England: University of Manchester, 1963.
- ELIAS, Norbert. *Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- FRADERA, Josep Maria ; MILLÁN, Jesús. *Las burguesías europeas del siglo XIX: sociedad civil, política y cultura*. Madrid: Biblioteca Nueva, 2000.
- GREENFELD, Liah. *Nacionalismo: Cinco Caminhos para a Modernidade*. Martins: Publicações Europa-América, 1998.
- KITCHEN, Martin. *A history of modern Germany, 1800-2000*. Malden: Wiley-Blackwell, 2006.
- KOLULLA, Michael. *Deutsche Verfassungs geschichte: Vom Alten Reich bis Weimar (1495–1934)*. Berlin: Springer, 2008.
- LOPEZ, Roberto S. *A Revolução comercial da Idade Média, 950-1350*. Lisboa, Presença, 1976.
- NIPPERDEY, Thomas. *Deutsche Geschichte 1800-1866: Bürgerwelt und starker Staat*. München: Beck, 1994.
- NÓBREGA, Vandick Londres da. *Alemanha: esteio do mundo livre*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1961.
- OLIVEIRA, Helênio Fonseca de. “Língua padrão, língua culta, língua literária e contrato de comunicação”. In: *Cadernos do CNLF*. 2004.
- PELLISTRANDI, Benoît. *As relações internacionais de 1800 a 1871*. Edições 70, Lisboa: 2000.
- TOUCHARD, Jean. *História das Idéias Políticas: Da revolução Americana ao marxismo*. Vol. III. Martins: Europa-América, 1991.
- WEHLER, Hans-Ulrich. *Nationalismus*. München: Beck, 2001.